

# QUALQUER MANEIRA DE LER VALE A PENA: SOBRE LEITURAS, LEDORES E LEITORES CEGOS

LUCIENE MARIA DA SILVA<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Uma das dificuldades enfrentadas pelos cegos para o acesso ao conhecimento está na reduzida quantidade de livros editados em braille em todas as modalidades da literatura. A tecnologia atual, por meio da informática, tem se tornado um meio privilegiado para o acesso dos cegos ao mundo da escrita, possibilitando um considerável nível de independência na vida escolar, acadêmica e no trabalho<sup>2</sup>. Entretanto, apesar do avanço tecnológico e da demonstração sobre a sua utilização em benefício de pessoas com deficiência visual sabemos das dificuldades no Brasil para o acesso digital, principalmente referindo-se à parcela da população que tem alguma deficiência, uma vez que a prevalência de incapacidades está associada, em geral, a precárias condições de renda. Os estudos realizados sobre inclusão escolar atestam que as redes de ensino ainda não oferecem as condições necessárias para a inclusão de alunos com deficiência visual, um forte motivo pelo qual estão incluídos precariamente, ou saem da escola prematuramente. Entre as condições fundamentais para que haja inclusão do aluno com DV está o acesso ao material didático adaptado, sobretudo o livro em braille, escasso no Brasil, por não termos uma política editorial capaz de suprir essa carência.

Um dos meios mais utilizados pelos cegos para transpor as dificuldades de leitura é o acesso aos *ledores*, expressão habitual utilizada para denominar as pessoas que lêem em voz alta para o outro que não enxerga. Essa maneira de leitura é muito comum entre os cegos e os seus familiares ou pessoas de convivência, que lêem textos em formatos e conteúdos variados (panfletos, livros, outdoors, etc). Na seqüência de escolaridade os jovens cegos necessitam cada vez mais dos ledores devido à carência de material gráfico em braille, principalmente tratando-se

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

<sup>2</sup> A importância da informática para os cegos estende-se para além do simples acesso ao letramento, considerando o número de sites para cegos e blogs de cegos para registros auto biográficos ou “narrativas de si” como bem caracteriza Eugênio (2003), onde encontramos relatos de histórias, conselhos, orientações etc.

de literatura mais especializada e/ou científica. Cabe então, diferenciar os dois tipos de leitores a quem me refiro neste texto, desde o título: denomino *ledor* àquele que lê para as pessoas com deficiência visual, e *leitor cego*, os que escutam as leituras feitas em voz alta. Muitas vezes, os *ledores* representam a única alternativa viável para os que pretendem estudar ou se informar sobre determinados conhecimentos, mas que se encontram impossibilitados devido à inexistência de livros transcritos para o braille, ou por não terem adquirido fluência necessária na leitura que resulte num aproveitamento minimamente satisfatório.

Entendemos ser necessário compreender essa prática de leitura singular, posto que é um recurso instrumental para os cegos e representa para alguns a única opção para obter informações e conhecimentos, considerando a quase inexistência de livros em braille. Meu interesse por essa “maneira de leitura” está em compreender as dimensões subjetivas que podem ocorrer nas relações entre ledores e leitores cegos na prática da leitura. Com esse objetivo, realizei um estudo de caso para investigar os limites e possibilidades da leitura em voz alta envolvendo leitores cegos e ledores a partir das percepções e subjetividades que emergem desta relação: a relação do leitor cego com o livro; o sentido e significado do texto lido/ouvido e as subjetividades mediadas; a identificação leitor cego e ledor pelas suas histórias de vida, memória e cumplicidade; o sentimento dos sujeitos perante a leitura: o ato de presteza, generosidade, caridade ou filantropia.

Partindo de uma abordagem qualitativa com inspiração no método de história oral, o estudo focalizou as motivações dos sujeitos envolvidos na posição de *ledor* e *leitor cego*, destacando as interações das pessoas com deficiência visual no contexto da leitura e, por conseguinte, a doação da palavra, o dizer, a comunicação, e também o empréstimo da voz nas suas circunstâncias. Para tanto, realizei entrevistas filmadas com três ledores e cinco leitores cegos, sendo cinco mulheres e três homens com idade entre vinte e sete a sessenta e seis anos. Todos os sujeitos têm curso superior nas áreas de Letras (2), Filosofia (2), Veterinária (1), Pedagogia (3). Desse universo, apenas um não cursou pós-graduação. Quatro trabalham como docentes (estando um aposentado), e quatro são funcionários público. A seleção dos sujeitos teve como principal critério a prática da leitura em voz alta como atividade freqüente, justificada pela necessidade de leitura para o exercício acadêmico (entre os leitores cegos, apenas um não estava cursando pós-graduação), profissional (três ledores têm a leitura como atividade funcional), ou como atividade voluntária. Outro critério utilizado foi a disponibilidade pessoal dos sujeitos para

os registros de imagem, considerando a intenção da pesquisadora em realizar um documentário abordando a temática.

As entrevistas seguiram roteiro com uma estrutura fixa, operacionalmente flexível, passível de mudanças no decorrer das situações de comunicação. Foram elas que me forneceram as preciosas informações que melhor caracterizam essa maneira de leitura. A revisão de literatura de forma bastante ampla, feita previamente, possibilitou uma abordagem das questões teóricas e cotidianas, considerando também o perfil dos sujeitos.

Esse trabalho apresenta alguns recortes do estudo realizado, em que destaca as dimensões subjetivas que podem ocorrer nas relações entre *ledores* e *leitores cegos* na prática da leitura. Trata-se de um exercício de reflexão no âmbito da referida pesquisa, sobre o modo singular de fazer-se leitor por meio de vivências de leituras para apreensão de conteúdos. Algumas questões que guiaram a investigação foram: Quais as motivações dos ledores, alguns atuando por décadas, formando pessoas, informando e tecendo relações? Como se constituem as interações mediadas pela leitura, entre ledores e leitores? Como se processa o entendimento da palavra e do texto sob sonoridade? O que pensam leitores cegos e ledores sobre suas performances? Quais as implicações que podem ocorrer na leitura considerando aspectos como conteúdo, relação entre os sujeitos, relação com o livro, e a garantia da fidelidade ao autor?

Farei inicialmente uma discussão sobre a temática da leitura, posteriormente abordarei questões teórico-metodológicas consoantes à problematização enunciada, para em seguida apresentar alguns depoimentos, formulações da análise e considerações finais.

## **Os sentidos da leitura**

Sabemos que os textos são lidos de formas diferenciadas quanto às expectativas e interesses. Para Cavallo e Chartier (1997), são essas determinações que imprimem significados aos textos lidos, definindo as compreensões, a apropriação dos sentidos, os hábitos e gestuais de leitura. É nesse sentido que os autores consideram a história das práticas de leitura como “uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p.6). Daí que podemos concluir sobre a impossibilidade de um leitor ideal, capaz de capturar um sentido preciso e verdadeiro do escrito de um autor. A leitura é também uma experiência estética, por mais que possamos falar em dados textuais objetivos. Os registros históricos singulares

combinados com as experiências cotidianas provocam e produzem subjetividades distintas na interpretação de um texto. Como afirma Hebrard (1996, p.37),

O trabalho de leitura é, em grande parte, um processo de produção do sentido no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações (que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como estrita mensagem. (...) Mas, além disso, se fica fácil compreender assim a maneira pela qual o leitor reativa, no seu ato de leitura, suas aquisições culturais anteriores, por outro lado, é muito mais difícil utilizar os mesmos modelos para explicar como o encontro com um texto pode remodelar um universo pessoal intelectual ou fantasmático.

Os estudos de Hebrard (1996), Cavallo e Chartier (1997), Manguel (1997), Certeau (1994), entre outros, revelam que as representações da leitura no decorrer dos tempos mudam em função das significações intimistas e culturais da época. Antes do século XVIII, o estilo de leitura constituía-se na prática da escuta, memorização e recitação, que perpetuavam conteúdos e ideologias. A leitura da Bíblia no período da Reforma era permitida apenas aos “iluminados” da Igreja, que alimentavam as audições santificadas, motivo pelo qual Lutero denunciou a intermediação obrigatória da palavra de Deus pelos clérigos da igreja. Os livros, sendo raros, difundiam o essencial, mesmo porque pouca problematização era possível, uma vez que nem a todos era dado ler.

Abreu (2007) afirma que mesmo após o século XIV “quando se generalizou a leitura silenciosa, ler em voz alta era uma forma de sociabilidade comum. Lia-se em voz alta nos salões, nas sociedades literárias, em casa, nos serões, nos cafés”. A leitura em voz alta, como um ato público, é uma modalidade de leitura que praticamente caiu em desuso na sociedade moderna. Ler para o outro atualmente, afora a prática teatral e a contação de histórias infantis, expressa algo como falta de autonomia ou incapacidade cognitiva ou visual. Contudo, essa leitura sonora é muito familiar para os cegos, uma vez que se constitui numa das poucas alternativas de informação e estudo, para as pessoas com deficiência visual.

O processo de leitura é instigante, complexo e plural. “A leitura começa com os olhos”, diz Manguel (1997, p.42). Ele prossegue dizendo:

Até aqui está claro para o leitor: as letras são aprendidas pela visão. Mas por meio de qual alquimia essas letras se tornam palavras inteligíveis? O que acontece dentro de nós quando nos defrontamos com um texto? De que forma as coisas vistas, as “substâncias” que

chegam através dos olhos ao nosso laboratório interno, as cores e formas dos objetos e das letras se tornam legíveis? O que é, na verdade, o ato que chamamos de ler?

Questões como essas embalam as reflexões de importantes autores e escritores de variadas correntes literárias e científicas: Proust (2003), Barthes, (2005), Chartier (1996), Bourdieu (1996), Larrosa (2004), dentre outros. Mas a abordagem de Manguel (1997) baseia-se na sua rica experiência como *ledor* do escritor argentino Jorge Luis Borges na década de sessenta<sup>3</sup>:

Antes de encontrar Borges, eu lia em silêncio, sozinho, ou alguém lia em voz alta para mim um livro de minha escolha. Ler para um cego era uma experiência curiosa, porque, embora com algum esforço eu me sentisse no controle do tom e do ritmo da leitura, era todavia Borges, o ouvinte, quem se tornava o senhor do texto. Eu era o motorista, mas a paisagem, o espaço que se desenrolava, pertenciam ao passageiro, para quem não havia outra responsabilidade senão o de aprender o campo visto das janelas. Borges escolhia o livro, Borges fazia-me parar ou pedia que continuasse, Borges interrompia para comentar, Borges permitia que as palavras chegassem até ele. Eu era invisível (MANGUEL, 1997, p.33).

Trata-se de uma outra maneira de leitura, que, por certo, toca nos sujeitos envolvidos de forma singular, definindo assim os resultados da leitura e a própria relação do leitor cego com o texto para a sua apreensão.

### **Ledores e leitores: subjetividades mediadas**

Existem *ledores* que emprestam a voz para a gravação de livros falados em fita cassete ou CD, para compor as audioteclas de instituições com estrutura de publicação para distribuição e comercialização, a exemplo da Laramara, Fundação Dorina Nowill ou o Instituto Benjamin Constant e para acervos particulares. Já os *ledores* presenciais atuam como doadores de vozes,

---

<sup>3</sup> “Borges vênia a Pygmalion al caer la tarde, en el camino de regreso de su trabajo como director da la Biblioteca Nacional. Um dia, luego de seleccionar três o cuatro libros, me preguntó si no podría ir a leerle por lãs noches, siempre que yo no tuviese outra cosa que hacer, dado que su madre, que había cumplido ya los noventa, se cansaba com facilidad”. Dessa forma Manguel inicia o relato das lembranças de suas leituras em voz alta para Borges no livro *Con Borges* (MANGUEL, Alberto. *Con Borges*. Madri: Alianza Literaria, 2004).

leitores de textos selecionados pelos que não enxergam, suprimindo uma carência existente para a formação de pessoas com deficiência visual em qualquer nível de escolaridade.

A leitura em voz alta para cegos leitores pode ser uma atividade voluntária, praticada mediante encontros agendados com essa finalidade, motivada por iniciativa pessoal dos envolvidos ou uma atividade promovida por instituições (universidade, instituição especializada, ONG etc.). Existem também os *ledores* que fazem leituras mediante pagamento, como um serviço prestado à terceiros. Observamos que a motivação principal que identifica os *ledores* participantes da pesquisa para a atividade de leitura em voz alta para cegos, é o gosto de ler:

Gosto muito de ler, sou um grande ledor, eu sou daquelas pessoas que não lêem um livro de cada vez; posso ler dois ou três livros simultaneamente. Então eu sou um ledor contumaz, é um prazer que eu tenho de ler, e mais ainda, eu gosto de ler sobre assuntos os mais variados possíveis, apesar de minha experiência em Universidade ser sempre ligada ao campo da biologia ou da medicina (Augusto, *ledor*).

Gosto de ler, a leitura nos dá possibilidades muito amplas de conhecer outros mundos e de facilitar até a nossa produção escrita, quem é um bom ledor, vai escrever com mais facilidade, é uma coisa muito gostosa (Paula, *ledora*)

Eu digo sempre aqui que o ledor tem que ser um bom leitor; agora, necessariamente o leitor pode não ser um bom ledor. Mas pra ser ledor, ele tem que ser um bom leitor, ele tem que ter prazer de ler, não existe alguém que busque a atividade de ledor se ele não gosta de ler (Áurea, *ledora*).

Já os *leitores cegos* evidenciam que a necessidade que sentem para essa maneira de leitura dá-se principalmente devido à carência de material em braille. Entretanto, as opiniões são diversas em relação ao meio mais satisfatório para suas necessidades: a leitura com *ledores*, a leitura por computador ou a leitura em braille:

...o encanto da leitura Braille não tem igual: você tocar, você mesmo perceber o que você está lendo, você entrar naqueles pontos braille, a gente entra a ponto de a gente imaginar uma palavra, a gente acaba imaginando a palavra na forma daqueles pontinhos (Rita, *leitora cega*).

A diferença está em que a leitura pelo computador ou pelo ledor, ela é mais rápida, porque ler um texto em Braille é cansativo. Eu leio muito braille ... Mas, ao meu ver a questão da leitura, o básico, a questão básica é a questão da velocidade, da rapidez que o próprio mundo nos impõe (Raul, *leitor cego*).

A leitura braille é aquilo que Rita disse, é a gente mergulhar no texto sem interferência afetiva, sem interferência de interpretação, de entonação, é só a gente e o texto mesmo (Isolda, *leitora cega*).

Eu esperei O Código da Vinci (*em braille*), porque é muito melhor a gente ler em braille; a gente viaja, a gente volta quando quer, a gente lê o livro até quando a gente está deitado, a gente coloca o livro em cima da nossa barriga, ele aberto, e lê tranquilamente, as vezes eu cochilo, o livro cai, mas eu adoro lê em braille... (Graça, *leitora cega*).

Eu prefiro hoje utilizar a informática e o ledor, justamente por causa do acesso mais rápido a informação (Milton, *leitor cego*).

As falas expressam o desejo de autonomia, principalmente se considerarmos o preconceito social e o descaso dos poderes públicos em relação à acessibilidade e aos direitos civis das pessoas com deficiência, que potencializam as limitações tornando-os dependentes em diversos aspectos. Cabe destacar a percepção dos *leitores cegos* sobre a leitura com *ledores*:

Olha, na sociedade em que a gente vive, eu entendo ainda que é uma atividade indispensável pra nós que temos deficiência visual, justamente porque através deles a gente tem acesso mais rápido a leitura. A gente vive em uma sociedade que ainda não se buscou meios pra fazer com que a gente tenha o mesmo acesso que as pessoas que enxergam têm à leitura, apesar da informática, apesar do sistema braille, e os leitores facilitam bastante (Milton, *leitor cego*).

Uma pessoa lendo pra você muitas vezes é mais rápido, é mais prático, porque a visão possibilita uma percepção mais rápida e mais ampla; de repente, eu peço a pessoa que está lendo pra mim: esse parágrafo não, passe pra o último... Então é bem mais rápido, é uma coisa mais ágil (Rita, *leitora cega*).

Tem um detalhe assim, que com o ledor, dependendo da afinidade que você tenha com o ledor, do entrosamento e da afinidade, também é bastante interessante e modifica a leitura, dependendo do laço de afetividade que você tem com o ledor, com a afinidade que você tem de idéias, a harmonia que você tem... (Isolda, *leitora cega*).

Com os leitores faço aquelas leituras que eu não tenho em braille, não tenho gravada, assim, uma revista, o jornal, porque a gente pode acessar a internet e ler o jornal... Peço pra ler folhetos que eu recebo, minhas correspondências, às vezes... (Graça, *leitora cega*).

A leitura para cegos envolve técnicas para sua otimização, buscando expressar determinados signos/códigos de escrita que permitem o entendimento do texto. Por exemplo, a entoação é fundamental para a leitura, cuja voz deve ter uma altura média, ritmo regular, com variações conforme a ambiência. Os recursos gráficos e fotografias devem ser decodificados com detalhes, bem como as notas de rodapé. Alguns sinais de pontuação, como aspas, parênteses, travessão, devem ser lidos de forma a expressar os destaques do texto, entre outros aspectos. Esses cuidados, entretanto, seguidos ou não, combinam-se com as características e história pessoal dos *letores e leitores cegos* resultando numa prática de leitura que comporta variadas nuances, a depender da natureza das relações entre os sujeitos envolvidos. Referindo-se a isso, temos os seguintes depoimentos:

Quando eu estou lendo pra alguém vai depender da minha relação com a pessoa; se eu já tenho uma relação de amizade, aí eu já me sinto a vontade pra interagir com o texto pra comentar alguma coisa... é mais emocionante, é mais produtivo pra mim; se eu estou lendo pra alguém que eu não tenho aproximação, é a primeira vez que eu estou lendo para aquela pessoa, eu procuro ser imparcial, eu não sei qual é a vontade dela, eu não sei se ela gosta que a pessoa dê palpite no que está sendo lido, aí eu evito esse envolvimento (Paula, *ledora*).

Eu estava lembrando de um fato que aconteceu comigo: uma pessoa que foi ler pra mim e eu estava estudando gramática, e ela parava de ler pra contestar a gramática, o autor, ia pra o dicionário e pegava outras gramáticas; eu não estava gostando muito daquilo, mas como tinha sido a primeira vez, aí eu deixei e tal... fiquei quieta, deixei ela ler... Inclusive porque era agressiva (Rita, *leitora cega*).



Eu prefiro que seja imparcial, a não ser que seja uma pessoa assim que tenha afinidades... Aí é interessante que ela leia e que ela faça as interferências, que a gente comenta até... (Isolda, *leitora cega*).

Mas eles intervêm na leitura, nós estamos lendo e eles pedem:

- Volte a ler isso aqui, volte a ler esse trecho... E a gente traz a emoção, a emoção em relação ao texto, que está ali, uma coisa que mexe com a gente. (Áurea, *ledora*).

Geralmente, a gente gosta quando alguém lê pra gente que tenha uma certa emoção na leitura; o que acontece muitas vezes é que alguns leitores eles ultrapassam esse limite, muitos querem ler parágrafo por parágrafo, comentam e querem discutir; então eu preciso chamar atenção que naquele momento eu quero ler pra eu compreender o texto e fazer o meu trabalho, porque desse jeito atrapalha (Milton, *leitor cego*).

Se eu perceber que as considerações do leitor são pertinentes, são assim relevantes, eu prossigo e dou margem para que a gente possa continuar interagindo; mas se porventura eu perceber que não, tranqüilo... Agora a minha preferência é seguir a leitura... (Raul, *leitor cego*).

A gente pede pra ler o que a gente está querendo realmente ouvir: “Você lê o índice, por favor?” “Você lê tal capítulo pra mim?” “Você lê mais alto?”. Às vezes a gente tem mais liberdade com a pessoa, pede pra pronunciar o “s” com mais ênfase, a pessoa que a gente tem mais aproximação, ainda a gente pede pra pontuar assim, assim entendeu? (Áurea, *leitora cega*).

Essas experiências de leitura forjam encaminhamentos no sentido de melhor aproveitamento da atividade. A preferência por *ledores* ou *leitores cegos*, é um deles:

Eu tenho minhas preferências, assim como as pessoas pra quem eu leio preferem também ou a mim ou prefere a outro, existe sim essa preferência. (Paula, *ledora*).

Eu gosto de ler com alguém que eu tenha confiança, porque é uma entrega, você está ali, a pessoa está sendo suporte, no caso para o cego a pessoa tem que confiar; aí você acaba desenvolvendo e acaba tendo uma produção mais significativa do que se tivesse lendo com outra pessoa, isso é notório com todos os deficientes visuais, as relações intersubjetivas, as relações subjetivas,

acontecem muito, ledor e usuário, ledor e leitor, porque nós que somos os leitores eles são os ledores (Raul, *leitor cego*).

Essas subjetividades mediadas são tão marcantes, que a leitura, seu conteúdo, *ledores* e *leitores cegos* imbricam-se forjando lembranças que são qualificadas na memória. A leitura em voz alta para um outro que não enxerga, por ser algo muito significativo como experiência, determina uma lembrança que não separa a voz do *ledor*, ou a pessoa do leitor do conteúdo do texto. Ou seja, a voz reverbera em recordações quando se acessa um texto lido no âmbito de uma leitura em voz alta, porque mobiliza o *ledor* e o *leitor cego*, ambos se alteram na experiência dessa maneira de leitura:

Depende do sentimento que a gente teve, bom ou ruim, a gente acaba carregando... Se foi uma leitura que me trouxe um sentimento bom, ou um aprendizado, uma experiência boa, eu acabo lembrando de algum comentário, da entonação, do parágrafo, exatamente do que foi lido por aquela pessoa, a gente carrega (Rita, *leitora cega*).

Tem texto que eu falo: esse texto é Isolda, aqui é Isolda; aquele texto sempre tem a cara de Isolda ou a cara de alguém que eu li, é sempre assim. (Paula, *ledora*).

Lembra, a gente lembra, com certeza, porque grande parte do referencial que eu venho construindo do ponto de vista de acúmulo das minhas leituras, são através de um ledor, e aí essa lembrança é inevitável, a gente enfim vai memorizando, vai incorporando ao nosso repertório todas aquelas informações (Raul, *leitor cego*).

Eu prefiro a voz da mulher... Eu não sei nem te explicar, é questão de preferência mesmo, prefiro que a mulher leia pra mim; mas têm alguns voluntários lá, que lêem muito bem, é só uma questão preferência, apesar de ter poucos homens; geralmente os homens não se declinam tanto a fazer esse trabalho (Milton, *leitor cego*).

A voz tem um papel fundamental nessas leituras. Ela veicula intenções e posicionamentos que se confirmam ou não, a depender da intensidade e característica das relações estabelecidas. Segundo Larrosa (2004, p.39-42):

A voz não só nos dá o tom passional ou afetivo do pensamento, o que daria sua relação com o sentir, com os padecimentos ou os afetos da alma, mas também seu tempo, seu ritmo, e um ritmo que seria ademais polirrítmico como polirrítmica é a vida e tudo que lhe pertence, e assim, enquanto na palavra escrita o encadeamento das palavras, sua continuidade, faz-se por meio da lógica do conceito, ou do argumento, na palavra oral a conexão se faz por ressonâncias, por variações melódicas ou por alterações rítmicas. (...) assim, a voz constitui um discurso ou um discorrer que cessa sem que haja chegado a algum termo, sempre na borda de algo que nunca chega, sempre na imanência de uma revelação que não se produz, sempre inconcluso, deixando sempre uma falta, um desejo. Se ao escutar há algo que sempre fica para trás, também há algo que fica adiante e que fica também ouvido pela metade, como apontado ou anunciado em um brusco interromper-se da palavra dita.

Identificamos na relação *ledor/ leitor cego*, possibilidades de experiências, algo de confiança na palavra intermediada pela voz do outro que vê; de generosidade na voz que empresta significados, ou ainda incompreensões nos silêncios lacunares da leitura. Contudo, não desconhecemos que sendo uma atividade voluntária adquire uma característica de filantropia ou forma de amenizar carências sociais, que definem subjetividades diversas. Se por um lado, a leitura em voz alta para cegos é uma circunstância quase que compulsória determinada pela carência de livros em braille, é também um recurso que pode proporcionar o fortalecimento de relações solidárias e de interações que permitem mais sociabilidade para as pessoas com deficiências.

### **Considerações finais**

Neste estudo, procurei apresentar algumas dimensões subjetivas que emergem da prática de leitura em voz alta feita por *ledores* para *leitores cegos*, buscando olhar o modo singular de fazer-se leitor por meio de vivências de leituras para apreensão de conteúdos e as motivações dos sujeitos envolvidos abordando a confiabilidade, a disposição, a disponibilidade e outras histórias que emergem desta relação. Isto nos permitiu refletir sobre o significado da leitura ouvida pelos cegos, para além dos aspectos objetivos que dizem respeito às características de leitura.

O *ledor* passa a ser um mediador essencial entre o autor e o leitor, ou seja, a apreensão do texto escrito numa relação direta entre leitor e texto é bem diferente da leitura intermediada, pois que, as falas, as vozes dão um outro “tom” que predispõe a recepção dos que ouvem uma leitura. Nessa relação ledor/leitor cego cabem adaptações dos sujeitos nas suas preferências por melhor compreensão: a leitura pode ser mais acelerada em determinadas passagens, mais delicada, com pausas etc. Neste caso, é preciso considerar a interpretação do *ledor* como uma entre tantas quantas pode ser a tradução de um texto, ou seja, a fidelidade ao autor é algo não garantido pela recepção de uma leitura mediada; convém refletir sobre a autonomia do *leitor cego* para interpretar um texto lido pelo *ledor* e a afirmação da importância do braille para promover tal autonomia. A leitura mediada, seja pelo computador, seja pelo *ledor*, se não for como uma opção entre outras, pode estar ocasionando o distanciamento do braille, que é o que permite o aprendizado da leitura e escrita para as pessoas com deficiência visual.

Com essas considerações podemos concluir que a leitura mediada por um *ledor* comporta um paradoxo: é praticada como recurso obrigatório pelos leitores cegos, dado a insuficiência de livros traduzidos em braille, e como atividade voluntária pelos ledores, o que imprime um caráter filantrópico que enquadra a atividade e provoca tensões que podem desfavorecer a aproximação entre o leitor cego e o texto. Mas é também a atualização de um tipo de leitura que caiu em desuso, uma ação de presteza e solidariedade que permite aproximações, e identificações pelas histórias de vida, memória e cumplicidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler.  
<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>

AMARAL, Lígia A. *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. SP: Robe Editorial. 1995.

BARTHES, Roland. Aula. São paulo: Cultrix, 2005.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. IN: CHARTIER, Roger (org.). Práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. A arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger (org.). Práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. História da leitura no mundo ocidental. São Paulo: Ática, 1998.

EUGÊNIO, Fernanda. *Não ver sem ser visto. Uma reflexão sobre páginas pessoais de cegos na internet*. Revista ALCEU, v.4, p. 55-67 – jul./dez. 2003.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler. In: CHARTIER, Roger (Coord.). Práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LARROSA, Jorge. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In:

LARROSA, Jorge e Skliar, Carlos. *Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. Linguagem e educação depois de Babel. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: companhia das letras, 1997.

MANGUEL, Alberto. Con Borges. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

PROUST, Marcel. Sobre a leitura. Campinas, SP: Pontes, 2003.